

RIBEMBOIM, José Alexandre. *Senhores de engenhos judeus em Pernambuco 1642-1654*. Recife: 20-20 Editora, 1995. 162 p. il.

A presença de cristãos-novos e judeus nos dois primeiros séculos da colonização do Norte do Brasil vem fascinando pesquisadores e curiosos da nossa história colonial, daí o interesse despertado por qualquer estudo envolvendo tal período como é o livro do Sr. José Alexandre Ribemboim.

Aborda ele a presença e a atuação de cristãos-novos e judeus nos territórios da primitiva capitania de Pernambuco, cujos limites foram estabelecidos quando da doação de D. João III de Portugal a Duarte Coelho Pereira, datada de 10 de março de 1534. Compreendia a primitiva capitania uma faixa de 60 léguas de costa, no trecho entre a foz do rio São Francisco ao canal de Santa Cruz, "...que cerca em redondo toda a ilha de Itamaracá", estendendo-se para o Oeste "pelo Sertão e terra firme a dentro, quanto poderem entrar e for da minha conquista", e por toda extensão do rio São Francisco até suas nascentes, no atual Estado das Minas Gerais, constituindo-se, assim, "...numa área de doze mil léguas quadradas" (Varnhagen).

Chegando a Pernambuco em 9 de março de 1535, Duarte Coelho Pereira se fazia acompanhar de sua mulher, Brites de Albuquerque, do seu cunhado, Jerônimo de Albuquerque, e de uma numerosa comitiva de "...muitos gentis-homens de sua parentela, alguns fidalgos e bons colonos" (Oliveira Lima). Vinha impregnado do espírito de um fundador de nação e não de um simples conquistador de presas de guerra, ou um daqueles exploradores de riqueza natural, como era comum nos homens do seu tempo. Optou Duarte Coelho pela agroindústria do açúcar, como forma de fixar o homem à terra, mandando para isso vir gente especializada da ilha da Madeira e mudas de cana que, na "...terra garanhona do massapê" da Zona da Mata de Pernambuco, vieram encontrar o solo ideal para a fundação desta "...nova Roma de bravos guerreiros". Com seus engenhos espalhados inicialmente nas várzeas dos rios Capibaribe, Beberibe, Jaboatão

e Una, a capitania duartina viu florescer a civilização do açúcar. Não uma colônia extrativista, como queriam as ordens de Lisboa na primeira metade do século XVI, mas uma colônia de plantação, embrião de uma verdadeira nação, que logo despertou a cobiça de outros povos, tamanha era a sua riqueza. Graças a esta ordem econômica veio a crescer o número de engenhos em Pernambuco, conforme confirmam os depoimentos dos primeiros anos: 23 em 1570 (Gândavo), 66 em 1583 (Cardim), 77 em 1608 (Campos Moreno) e 121 em 1630 (Duarte de Albuquerque).

A nova capitania cedo despertou o interesse de cristãos-novos como Diogo Fernandes e Pedro Álvares Madeira, o primeiro marido de Branca Dias, que vinha sendo processada por práticas do judaísmo pela Inquisição de Lisboa (Processo nº 5.736 ANTT) e por isso teve que fugir para o Brasil, e o segundo natural da ilha da Madeira com grande experiência no fabrico do açúcar. Ambos vieram estabelecer-se com plantações de cana em terras de Camarajibe, que lhes foram doadas pelo primeiro donatário em 1542, tendo anos mais tarde os seus canaviais sido destruídos por ataques de índios.

Alguns cristãos-novos vieram a se notabilizar na sociedade de então, como é o caso da já citada Branca Dias (professora de meninos acusada de práticas judaizantes quando da 1ª Visitação do Santo Ofício), o capitalista João Nunes Correia, o mercador James Lopes da Costa (que com o nome judeu de Jacob Tirado veio a ser um dos fundadores da sinagoga portuguesa de Amsterdã em 1603), o também mercador Miguel Dias Santiago, o poeta Bento Teixeira (autor da primeira produção poética em terras do Brasil, a *Prosopopea*, publicada em Lisboa em 1601), dentre muitos outros.

Vivendo em torno da agroindústria do açúcar, a população de cristãos-novos da capitania de Pernambuco, no final do século XVI, segundo amostragem com base em depoimentos quando da 1ª Visitação do Santo Ofício (1593-95), era de 14% (J. A. Gonsalves de Mello).

No início do século XVII, segundo relação de engenhos datada de 1609 escrita por Diogo Campos Moreno, o número de

proprietários cristãos-novos chegava a 12 de um total de 77 senhores de engenho.

A participação de cristãos-novos teria sido predominantemente a de detentores de capitais: mercadores que se fazem senhores de engenho, vários deles conservando-se simultaneamente nas duas atividades; uns poucos que se fazem rendeiros da cobrança de dízimos e fazem empréstimos às vezes onzeneiros a donos de engenhos, como é o caso de James Lopes da Costa, João Nunes Correia e Paulo de Pina I (J. A. Gonsalves de Mello).

Alguns deles, chegados jovens à capitania, logo se transformaram em representantes das grandes famílias de capitalistas judeus, como João da Paz, sobrinho de Miguel Dias Santiago, e Duarte Ximenes, ligado por laços de parentesco aos Ximenes de Aragão, grandes comerciantes em Antuérpia.

A grande fase da comunidade judaica em Pernambuco estava reservada para o período da Dominação Holandesa (1630-54) quando, graças à permissividade do culto, alguns cristãos-novos passaram a usar nomes judaicos e praticar a religião mosaica. Nesse período, um grande número de judeus sefardins e alguns poucos askenazins migraram da Polônia e da Alemanha para a Holanda, transferindo-se depois para o Brasil holandês onde vieram explorar o comércio varejista, chegando também a possuir engenhos, a arrematar cobranças de impostos e ao tráfico de escravos da costa da África. Judeus de várias partes transferiram-se para Pernambuco, chegando Manuel Mendes de Castro, segundo depoimento da época, a trazer em 1637, de uma só vez, 200 deles, entre ricos e pobres, mulheres e crianças.

Para atender às necessidades da comunidade judaica, foi fundada no Recife a primeira sinagoga das Américas, a *Zur Israel*, instalada na rua que veio se chamar de Rua dos Judeus em 1636. A denominação desta rua do atual bairro do Recife, onde residiam as mais proeminentes figuras da comunidade judaica do século XVII, foi depois mudada para “Rua da Cruz” e, no século XIX, para “Rua do Bom Jesus”; mais recentemente, em 1992, veio receber as placas em cerâmica indicativas de sua

primitiva denominação. Na sinagoga construída na rua dos Judeus, exerceu as atividades de rabino, entre 1641 e 1654, o notável Isaac Aboab da Fonseca que veio a ser o precursor da literatura hebraica no Novo Mundo, tornando-se uma das figuras de maior expressão na comunidade judaica de Amsterdã na segunda metade do século XVII. Nascido em Castro Daire (Portugal), em 1605, emigrado ainda criança para Amsterdã, “a Jerusalém do Ocidente”, formado pelas escolas judaicas daquela cidade, onde veio a ser rabino da Congregação Beth Israel (1626-1638), Aboab da Fonseca veio para o Recife recebendo a quantia de 1.600 florins anuais de honorários, atendendo assim ao convite da comunidade local. Quando do cerco do Recife em 1646, por tropas luso-brasileiras, motivando uma grande fome na população da capital do Brasil Holandês, estimada entre 6 e 8 mil pessoas, Aboab da Fonseca veio escrever o primeiro poema em hebraico do Novo Mundo, que começa “Erigi um memorial aos milagres de Deus” (inédito), onde relata as atrocidades sofridas pelo seu povo fazendo severas críticas a João Fernandes Vieira. Além desse poema, deixou ainda datada do Recife uma oração em forma de confissão, escrita por ocasião do início do movimento de reação dos naturais da terra contra a ocupação flamenga, em julho de 1645.

Com a rendição dos holandeses, em 27 de janeiro de 1654, chega ao fim a primeira comunidade de judeus organizada das Américas. Grande parte dos seus membros retornara aos Países Baixos, outros estabeleceram-se em engenhos de açúcar implantados em ilhas do Caribe e uns poucos, em número de 21 famílias, migraram para a América Inglesa e lá vieram a fundar a primeira comunidade judaica da então Nova Amsterdã, hoje Nova Iorque (Arnold Wiznizen).

O Sr. José Alexandre Ribemboim consegue neste seu trabalho retratar com o mínimo de palavras a saga daqueles filhos de Israel no Brasil colonial. Ao escrever o seu livro de estréia, *Senhores de engenhos judeus em Pernambuco*, o autor o fez seguindo a receita do poema no qual João Cabral de Melo Neto homenageia o autor de *Anais Pernambucanos*, o historiador Francisco Augusto Pereira da Costa:

Sem o sotaque do escritor
nem o demônio do missionário,
só quis de pernambucania
ser simples professor primário.

Autodidata, sem qualquer preocupação em elaborar um tratado de historiografia, o autor traz elementos interessantes acerca dos 75 cristãos-novos e judeus diretamente ligados à indústria do açúcar naquele período, bem como de algumas sinagogas domésticas que funcionavam por vezes na clandestinidade em alguns engenhos, a exemplo da “esnoga” de Branca Dias em Camaragibe, onde eram oficiadas as festas do *Yom Kipur* no século XVI.

Conseguiu o autor, de forma clara e precisa, escrever uma história do seu povo com o mínimo de palavras, sem grandes citações e notas de referência, em forma de uma grande reportagem de linguagem amena e fascinante, de modo a prender a atenção de todos aqueles que “sem o sotaque do escritor / nem o demônio do missionário” só desejam de “pernambucania” ser simples, porém, aplicados alunos.

Leonardo Dantas Silva
Fundação Joaquim Nabuco

CARRARA, Sérgio. *Crime e Loucura. O aparecimento do Manicômio Judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro; São Paulo: Uerj; Edusp, 1998.

Não se pode negar que as últimas décadas têm conhecido um interesse acentuado em estudos que – vinculando as áreas médica, jurídica, social e psiquiátrica – procuram dar uma visão mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais profunda às questões relacionadas com a intersecção entre a criminalidade e os distúrbios mentais. Esse assunto que, até há alguns anos, era pouco explorado pelas pesquisas acadêmicas e pelo mercado editorial, passa agora a ganhar grande impulso, com abordagens interna-